DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ESPORTE: DO DEBATE À PRÁTICA EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO PIBID

Alex Francelino Santos, Luiz Felipe de Moraes, Thiago Ferreira dos Santos
Universidade do Vale do Paraíba/Educação Física/FEA, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, Titico4105@gmail.com

Resumo

O esporte também é um espaço de discussão sobre sociedade, oportunidades e desigualdades. Historicamente, homens e mulheres não tiveram as mesmas oportunidades e reconhecimento no esporte. Este trabalho apresenta um relato de experiência pedagógica desenvolvido no âmbito do PIBID, na Escola Estadual Prof. José Vieira Macedo em São José dos Campos, tendo como tema a desigualdade de gênero no esporte. A proposta buscou compreender a construção histórica dessa desigualdade e suas consequências, além de discutir as diferenças de valorização entre homens e mulheres no contexto esportivo. A experiência foi organizada em dois momentos: abordagem teórica e atividade prática na quadra. Inicialmente, foram realizadas aula expositiva, contextualização histórica, apresentação de dados e debates. Em seguida, foi desenvolvido um jogo de futsal com regras adaptadas para favorecer a participação. A principal regra determinava que todos os integrantes da equipe deveriam tocar na bola antes da finalização. Concluiu-se que, a atividade valorizou a participação coletiva, a inclusão e a reflexão sobre as relações de gênero no esporte.

Palavras-chave: desigualdade de gênero. esporte. educação física escolar. inclusão. futsal.

Área do Conhecimento: Humanas (INID).
Natureza do trabalho: Resultado de Projeto.

Introdução

O esporte ocupa um lugar de destaque na vida escolar, envolvendo competição, movimento, equipes e interação entre os estudantes. Porém, por trás dessa dinâmica existem questões sociais que nem sempre são percebidas, entre elas a desigualdade de gênero. A história do esporte demonstra que homens e mulheres não tiveram, durante muito tempo, as mesmas possibilidades de participação. Enquanto determinadas modalidades foram associadas à força, à competição e à masculinidade, às mulheres foram atribuídas práticas consideradas mais adequadas aos padrões sociais esperados. Essas concepções atravessaram diferentes períodos e ainda podem ser percebidas nas práticas esportivas contemporâneas. No Brasil, a trajetória da Educação Física também foi marcada por concepções que diferenciavam as práticas destinadas a homens e mulheres.

A desigualdade de gênero envolve não apenas a participação, mas também oportunidades, reconhecimento e valorização. Nesse sentido, Paiva (2024) destaca que a disparidade de gênero pode desencorajar a participação feminina em determinados espaços. Assim, compreender essa desigualdade exige considerar os processos históricos e sociais que contribuíram para sua construção. Nesse cenário, a escola pode contribuir para a construção de relações mais igualitárias. A Educação Física pode ultrapassar o ensino de técnicas, regras e movimentos, tornando-se também um espaço de reflexão sobre situações naturalizadas e de valorização das diferentes experiências dos estudantes. A partir dessa compreensão, o subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na área de Educação Física, desenvolvido na Escola Estadual Prof. José Vieira Macedo, trabalhou a temática “Desigualdade de gênero no esporte: do debate à prática”.

A proposta buscou unir a discussão teórica à experiência corporal por meio de uma prática esportiva. O objetivo foi compreender a desigualdade de gênero no esporte a partir de seus aspectos históricos e sociais, discutir a diferença de valorização entre homens e mulheres e refletir sobre o processo histórico de exclusão feminina na Educação Física brasileira. Além disso, buscou-se levar essa discussão para a quadra por meio de uma prática de futsal com regras adaptadas, estimulando a participação coletiva, a cooperação e a inclusão. Dessa forma, a atividade buscou demonstrar que a Educação Física escolar pode ser também um espaço de diálogo, reflexão e transformação social, contribuindo para que os estudantes reconheçam desigualdades presentes no esporte e reflitam sobre formas de construir práticas mais inclusivas e igualitárias.

Metodologia

A experiência pedagógica foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Estadual Prof. José Vieira Macedo, a partir de uma proposta voltada à discussão da desigualdade de gênero no esporte. O subprojeto foi desenvolvido com participação do professor supervisor e dos bolsistas vinculados à área de Educação Física. A atividade foi organizada em dois momentos principais. O primeiro foi dedicado à discussão teórica e o segundo à vivência prática. A intenção era que o conteúdo não ficasse preso ao quadro, às explicações ou às palavras, mas encontrasse espaço para ser experimentado também por meio do corpo e do jogo.

Inicialmente, foi realizada uma contextualização sobre o histórico excludente da Educação Física no Brasil. Nesse momento, foram apresentados dados e estatísticas relacionados ao tema, além de pesquisas que evidenciam situações de desigualdade no esporte. A abordagem procurou mostrar aos estudantes que as diferenças existentes entre homens e mulheres no esporte não surgiram de uma hora para outra. Elas possuem raízes históricas e sociais que precisam ser compreendidas para que possam ser questionadas.

Depois da discussão teórica, chegou o momento de levar o debate para a quadra. Foi realizada uma atividade prática de futsal com uma regra adaptada: para que a equipe pudesse finalizar, todos os integrantes deveriam tocar na bola. A mudança parecia pequena, apenas uma regra diferente no meio

do jogo, mas tinha uma intenção pedagógica clara. Em vez de permitir que a dinâmica da partida ficasse concentrada nos alunos que apresentassem maior domínio da modalidade, a regra buscava fazer com que todos participassem da construção da jogada.

Durante a atividade, foram observadas as interações entre os alunos, considerando a participação coletiva e os processos de inclusão presentes durante o jogo. Dessa forma, a prática foi utilizada como instrumento para aproximar os estudantes da discussão realizada anteriormente. A metodologia, portanto, combinou exposição, diálogo, observação e prática corporal. Primeiro, buscou-se compreender o problema, depois experimentou-se uma maneira diferente de organizar a participação dentro do esporte.

Resultados

A experiência foi construída para aproximar dois momentos que muitas vezes aparecem separados nas aulas: o pensamento e o movimento Inicialmente, os estudantes foram convidados a analisar a trajetória histórica da desigualdade de gênero no esporte, compreendendo-a como um fenômeno construído socialmente ao longo do tempo. Essa etapa foi fundamental para aproximar o tema da realidade dos estudantes e estabelecer uma relação entre as desigualdades presentes no passado e aquelas ainda identificadas no esporte contemporâneo. Na vivência prática, foi realizada uma adaptação na regra do futsal, com o objetivo de favorecer a participação coletiva e ampliar as oportunidades de envolvimento nas jogadas.

Durante o jogo, observou-se que a alteração contribuiu para uma participação mais efetiva de todos os estudantes, promovendo uma distribuição mais equilibrada das ações, maior circulação da bola e maior integração entre os participantes. A mudança na dinâmica também possibilitou que os estudantes ocupassem diferentes posições e assumissem papéis mais ativos no desenvolvimento das jogadas, reduzindo a concentração da participação em determinados integrantes.

Os resultados observados demonstraram que pequenas modificações nas regras podem produzir efeitos significativos na organização das práticas esportivas, favorecendo relações mais inclusivas e igualitárias. Dessa forma, a experiência prática reforçou os debates desenvolvidos na etapa teórica e evidenciou que a problematização da desigualdade de gênero no esporte pode ser acompanhada de ações concretas capazes de transformar a participação e as relações estabelecidas nas aulas.

Discussão

A discussão sobre gênero no esporte está relacionada à própria história da sociedade, uma vez que as ideias sobre o que seria adequado a homens e mulheres foram construídas socialmente e incorporadas às práticas esportivas e à Educação Física. No Brasil, essa construção influenciou a participação feminina no esporte, marcada por restrições, resistências e conquistas, mas também por permanências e contradições. Ao analisar a presença das mulheres no futebol brasileiro, Goellner (2005) evidencia a relação entre invisibilidade e visibilidade. A conquista de espaço na modalidade não garantiu às mulheres o mesmo reconhecimento, valorização e representação atribuídos aos homens, revelando que a desigualdade esportiva ultrapassa o campo de jogo e envolve as condições de acesso, permanência e legitimidade.

Na Educação Física escolar, as relações de gênero também podem reproduzir fronteiras entre meninos e meninas, como discutido por Altmann (1999). Por isso, abordar esse tema nas aulas é fundamental para estimular a reflexão crítica dos estudantes sobre as desigualdades presentes nas práticas corporais e na sociedade. A BNCC reforça que a Educação Física deve considerar as dimensões culturais e sociais das práticas corporais, compreendendo o esporte para além da técnica. Do mesmo modo, Darido (2003) defende uma abordagem que ultrapasse a dimensão exclusivamente prática, favorecendo discussões sobre questões sociais presentes no cotidiano dos alunos.

Assim, trabalhar gênero na Educação Física significa reconhecer que o esporte expressa histórias, valores e relações sociais construídas ao longo do tempo. Em seguida, a atividade prática trouxe uma mudança concreta para a dinâmica do futsal. A regra estabelecida, todos os integrantes precisarem tocar na bola antes da finalização, colocou a participação coletiva no centro da atividade. Na prática, a jogada passou a ter outro ritmo. A bola precisava circular. Um toque levava ao outro, e o resultado dependia da participação dos diferentes integrantes. O jogo, que normalmente pode

privilegiar aqueles que possuem maior domínio técnico, passou a exigir a presença de todos para que a equipe alcançasse seu objetivo.

Essa adaptação permitiu trabalhar a inclusão de maneira concreta. Em vez de falar apenas sobre a importância da participação coletiva, os estudantes puderam experimentar uma situação em que a cooperação se tornou parte da própria regra do jogo. A experiência também mostra como pequenas alterações podem produzir mudanças significativas na organização de uma prática esportiva. Uma regra simples pode funcionar como uma espécie de convite: “agora, todo mundo participa”. E quando a participação de todos passa a ser necessária, o jogo ganha outra configuração. Nesse sentido, a atividade não buscou simplesmente modificar o futsal. A intenção foi utilizar a modalidade como ferramenta pedagógica para estimular a reflexão sobre inclusão e participação.

O esporte passou a funcionar como uma linguagem que permitiu discutir um problema social de maneira próxima da realidade dos estudantes. A proposta também se relaciona aos objetivos definidos no subprojeto, que incluem estimular a inclusão durante as práticas esportivas e desenvolver o senso crítico dos estudantes sobre as desigualdades presentes no esporte e na sociedade. Outro aspecto importante foi a relação entre teoria e prática. A discussão realizada em sala forneceu elementos para compreender o problema, enquanto a atividade prática criou uma situação concreta para pensar sobre participação e cooperação. Uma etapa preparou o terreno para a outra.

Assim, o resultado mais significativo da experiência está na possibilidade de transformar a aula de Educação Física em um espaço de reflexão. O esporte não precisa ser apenas competição, vitória ou derrota. Ele também pode ser diálogo, questionamento, cooperação e aprendizagem. É justamente nesse ponto que a experiência ganha força pedagógica. Ao levar uma discussão social para dentro da quadra, a atividade mostrou que temas como igualdade e inclusão podem ser trabalhados junto aos conteúdos tradicionais da Educação Física, sem que o movimento perca seu espaço.

Conclusão

A experiência desenvolvida no âmbito do PIBID possibilitou trabalhar a desigualdade de gênero no esporte de maneira articulada, aproximando a discussão histórica da prática corporal. A proposta mostrou que falar sobre igualdade não precisa ficar restrito às palavras. A própria organização de uma atividade esportiva pode criar oportunidades para que os estudantes vivenciem diferentes formas de participação.

A aula teórica permitiu contextualizar a desigualdade de gênero e apresentar suas relações históricas e sociais. Já a atividade de futsal com regras adaptadas levou essa discussão para a prática, utilizando a participação coletiva como elemento central. A regra de que todos os integrantes deveriam tocar na bola antes da finalização teve papel importante nesse processo, pois modificou a lógica tradicional da atividade e valorizou a cooperação. A bola, que poderia ficar concentrada em poucos jogadores, passou a precisar circular entre todos. Mais do que uma simples adaptação de regra, essa estratégia mostrou como a Educação Física pode utilizar suas próprias ferramentas para discutir questões presentes na sociedade. O jogo tornou-se, assim, um espaço de aprendizagem sobre o próprio jogo e, ao mesmo tempo, sobre convivência, inclusão e participação.

As práticas corporais também carregam histórias, valores e conflitos sociais e, por isso, podem ser utilizadas para estimular o pensamento crítico dos estudantes. Nesse sentido, trabalhar a desigualdade de gênero desde a escola pode contribuir para que os estudantes reconheçam situações de exclusão e compreendam a importância de construir espaços mais inclusivos. Afinal, se a quadra é de todos, a participação também precisa ser. Conclui-se, portanto, que a articulação entre teoria e prática apresenta possibilidades importantes para o ensino da Educação Física.

A experiência relatada demonstra que uma discussão social pode ganhar vida quando encontra espaço para ser vivenciada corporalmente, tornando a aula mais significativa e aproximando o conteúdo da realidade dos estudantes. Ainda há muito a discutir e experimentar. Outras modalidades, novas regras adaptadas e diferentes estratégias pedagógicas podem ampliar esse debate e contribuir para que a Educação Física seja cada vez mais um espaço de participação, respeito e reflexão crítica.

Referências

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e homens) na Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 21, n. 1, p. 87-98, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos no Brasil.

Disponivível em: < https://www.ativo.com/corrida-de-rua/noticias/mulheres-sao-minoria-no-esporte-entenda-desigualdade/

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

PAIVA, Camilla. Mulheres são a minoria no esporte: entenda a desigualdade.

Disponível em: < https://www.ativo.com/corrida-de-rua/noticias/mulheres-sao-minoria-no-esporte-entenda-desigualdade/

Agradecimentos

Agradecemos à Faculdade de Educação e artes da Universidade do Vale do Paraíba, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), à Escola Estadual Prof. José Vieira Macedo, ao professor supervisor Cláudio Alexandre Cunha , aos estudantes que participaram das atividades desenvolvidas e aos coordenadores Elessandro Vaguino de Lima, Dorival Césare Júnior. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.